



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

Cartografia das resistências: Ditadura militar, corpos dissidentes e livros didáticos de História

Kauan Habacuque Lopes dos Santos¹; Rafael Monteiro de Oliveira Cintra²

1.Kauan Habacuque Lopes dos Santos, PIBIC/FAPESB, HISTORIA, e-mail: lopeskaauan02@gmail.com

2.Rafael Monteiro de Oliveira Cintra, DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, e-mail: rmocintra@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático de História; Ditadura Militar; Corpos dissidentes.

INTRODUÇÃO

A construção de narrativas sobre a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) permanece um campo de intensas disputas, tornando crucial a análise dos meios de difusão do conhecimento histórico. O livro didático, compreendido como um artefato cultural de ampla circulação e legitimador de discursos (BITTENCOURT, 2018), desempenha um papel central na formação de imagens sobre esse período. Esta pesquisa parte da hipótese de que as representações da resistência ao regime ditatorial, nos manuais escolares, privilegiam a figura do homem cisgênero e heterossexual, invisibilizando ou marginalizando a agência de outros sujeitos. O objetivo do trabalho foi cartografar as presenças e, sobretudo, as ausências de corpos dissidentes — categoria que abrange homossexuais, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros — nas narrativas didáticas sobre a oposição à ditadura. A justificativa para tal investigação reside na necessidade de compreender como o currículo escolar, enquanto instrumento de poder, participa da reiteração de uma norma cis-heteronormativa (LOURO, 1999), silenciando a participação política de identidades consideradas "desviantes". Busca-se, assim, analisar como a paisagem (BESSE, 2006) construída pelos livros didáticos ordena o passado e quais sujeitos são excluídos da cena (RANCIÈRE, 2020) histórica.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A pesquisa fundamentou-se na cartografia como método de pesquisa-intervenção (PASSOS; BARROS, 2015), que acompanha processos em formação em vez de descrever territórios estáticos. O plano original propunha uma análise longitudinal de livros didáticos de História aprovados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) desde a redemocratização (1985). Contudo, a inviabilidade de reunir um corpus tão extenso e disperso no tempo de uma iniciação científica reconfigurou a estratégia metodológica. O impasse foi compreendido como um dado relevante da própria cartografia, exigindo um redirecionamento do percurso. Adotou-se, então, um recorte sincrônico e aprofundado, centrado em materiais recentes e já adequados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa mudança foi amparada na hipótese de Kazumi Munakata (1998), segundo a qual o mercado editorial tende a responder de

forma pragmática às exigências dos editais governamentais, tornando a análise das obras pós-BNCC um campo fértil para investigar possíveis deslocamentos nas representações. O corpus de análise foi, portanto, definido como as cinco coleções de História da Editora Moderna aprovadas no PNLD 2024: *Araribá Conecta História*, *Se Liga na História*, *SuperAÇÃO! História*, *Viver História com Leandro Karnal* e *Expedição Histórica*. Os procedimentos incluíram o rastreamento do conceito de "resistência", a análise da relação entre texto e imagem e a comparação das abordagens com as diretrizes da BNCC.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A análise das cinco coleções revelou uma paisagem narrativa complexa. O conceito de "resistência", embora massivamente presente, raramente é definido de forma explícita, sendo construído operacionalmente por meio de exemplos que variam em abrangência. A investigação dos capítulos sobre a Ditadura Militar identificou a consolidação de um panteão de resistentes, incluindo estudantes, operários, artistas, intelectuais, guerrilheiros, movimentos sociais, povos indígenas e o Movimento Negro Unificado. Esse avanço na diversificação dos sujeitos históricos é notável e representa um deslocamento em relação a narrativas mais antigas e monolíticas. Contudo, o resultado mais contundente da pesquisa é a constatação de um silenciamento sistemático e absoluto sobre a agência política de corpos dissidentes. Nenhuma das obras analisadas estabelece qualquer conexão entre a resistência ao regime e a participação de homossexuais, lésbicas, travestis ou transgêneros. Mesmo quando a homossexualidade é mencionada em outros contextos históricos, como o Holocausto ou a Revolta de Stonewall, essa discussão não é transposta para a realidade da ditadura brasileira, ignorando a perseguição e a organização política desses grupos, já documentadas pela historiografia (GREEN, 2014). A pedagogia da sexualidade que opera nesses materiais é, portanto, a do silêncio (LOURO, 1999), que reforça a cis-heteronormatividade como a norma implícita da agência histórica. Observou-se também uma aplicação seletiva da habilidade EF09HI26 da BNCC, que orienta a discussão sobre a violência contra populações marginalizadas, citando explicitamente os "homossexuais". Embora as obras abordem a violência contra negros e indígenas, a perseguição à população LGBTQIA+ durante o regime é sistematicamente omitida, demonstrando que a norma curricular, por si só, não foi suficiente para fissurar essa paisagem de invisibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A cartografia da resistência à Ditadura Militar nos livros didáticos analisados revela que a paisagem hegemônica do homem guerrilheiro foi matizada pela inclusão de outros grupos sociais, mas não fundamentalmente rompida. A ampliação dos sujeitos históricos encontra um limite intransponível na norma cis-heteronormativa, que continua a estruturar o que é dizível e visível no discurso escolar. A pesquisa demonstrou que, mesmo em materiais didáticos recentes e orientados por políticas curriculares que pregam a inclusão, os corpos dissidentes permanecem como os "sem-parte" (RANCIÈRE, 2020) da narrativa sobre a resistência, tendo sua agência política negada. Este apagamento não é uma simples lacuna de conteúdo, mas um gesto

pedagógico que, pelo silêncio, ensina quais vidas e lutas são dignas de memória. O percurso metodológico, com sua recalibração estratégica, mostrou-se produtivo para aprofundar a análise e evidenciar que as escolhas editoriais filtram e renegociam as diretrizes curriculares, mantendo os corpos dissidentes fora da cena histórica. A pesquisa aponta, portanto, para a necessidade premente de o ensino de História confrontar e desconstruir as pedagogias do silêncio que ainda estruturam suas narrativas.

REFERÊNCIAS

ARARIBÁ CONECTA: história. 2024. Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. 1. ed. São Paulo, Moderna.

BESSE, J-M. 2006. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo, Perspectiva.

BITTENCOURT, C. M. F. 2018. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 5. ed. São Paulo, Cortez.

BRASIL. Ministério da Educação. 2018. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, MEC.

COTRIM, G.; RODRIGUES, J. 2024. *Expedição Histórica*. 1. ed. São Paulo, Moderna.

GREEN, J. N. 2014. "Abaixo a repressão, mais amor e mais tesão": uma memória sobre a ditadura e o movimento de gays e lésbicas de São Paulo na época da abertura. *Acervo* 27(1): 53-82.

KARNAL, L.; et al. 2024. *Viver História*. 1. ed. São Paulo, Moderna.

LOURO, G. L. 1999. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte, Autêntica.

MUNAKATA, K. 1998. História que os livros didáticos contam: depois que acabou a ditadura. In: M. C. FREITAS (org.), *Historiografia brasileira em perspectiva*, pp. 271-290. São Paulo, Contexto.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. de. 2015. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: E. PASSOS, V. KASTRUP; L. ESCÓSSIA (orgs.), *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, 2. ed., pp. 17-31. Porto Alegre, Sulina.

PELLEGRINI, M.; DIAS, A.; GRINBERG, K. 2024. *Se Liga na História*. 1. ed. São Paulo, Moderna.

RANCIÈRE, J. 2020. *A partilha do sensível: estética e política*. 5. ed. São Paulo, Editora 34.

VAINFAS, R.; et al. 2024. *SuperAÇÃO! História*. 1. ed. São Paulo, Moderna.